

Gazel não era rude, mas costumava dizer coisas violentas e inesperadas durante o seu silencioso idílio com Esperança.

Trabalhara muito naquela tarde e estava nervoso, com desejos de dizer uma grande frase qualquer que surpreendesse e assustasse sua mulher. Sem erguer os olhos do trabalho que estava fazendo, disse-lhe, de súbito:

– Vou lhe atravessar com um alfinete como se você fosse uma borboleta. Esperança não lhe deu resposta, mas quando Gazel olhou para trás, viu pela janela aberta fugir uma borboleta, que se perdia na distância, enquanto o quarto submergia na sombra.

Ramón Gómez de La Serna (1888/1963), em *Maravilhas do Conto Espanhol*, 1958



G L E Y S

A primeira mulher que amei chamava-se Gleys. Lembro-me de que seu rosto tinha a doce beleza de um assustado raio de sol. Gleys era pequenina e fazia lembrar a frágil luminosidade de uma gota de orvalho, caída na madrugada, com seu úmidos e radiantes olhos negros, que incomodavam a solidão.

Não me lembro bem como eram seus cabelos, mas qualquer coisa me afirma que seriam negros e curtos, a fim de não contrastarem com seu porte diminuto e sutil. O certo é que amei Gleys, com toda a ternura dos meus doze anos.

Residia ela no Morro do Bento, não muito distante de minha casa, mas poucas oportunidades tinha de encontrá-la, ocupado que sempre estive, junto da garotada do bairro, com o nosso mundo encantado do futebol e das peraltices.

As poucas vezes que a via era quando retornava do colégio, onde estudava, fazendo o ginásio, no horário do almoço. Iniciava-se a década de cinqüenta. Nossos horários muitas vezes coincidiam e então podíamos partilhar, sem que ninguém

percebesse, da cumplicidade virginal, discreta e maravilhosa dos nossos olhos.

Poucas vezes tive oportunidade de falar com Gleys. Nossos diálogos avaros jamais excediam um “olá” ou um aceno de mão, mancomunados com sorrisos, que julgávamos, inocentes que éramos, de malícia. Mas era até muito, para a nossa tenra idade e o modo de ver daquele tempo.

Minha irmã mais velha, certa feita, desconfiou do caso e pretendeu pôr um fim ao doce conluio.

Todos os dias, descia do bonde, mais ou menos ao meio-dia, horário em que Gleys saía do colégio, e aí fluía e fluíuava um mundo de gozo indizível, que só nós dois entendíamos; o nosso angelical namoro. Gleys era linda e buliçosa, como toda menina de sua idade e eu não passava de um “joão-bobo”. Afinal, pertencia à eterna raça de Eva.

Era ela que fazia e ditava todas as regras. Eu apenas seguia o jogo, magnetizado pela magia de sua beleza. Lembro-me de

Gleys muito bem, com seu uniforme do primário, saia e gravatinha vermelhas e blusa branca. Era simplesmente linda!

Vivíamos de olhares ou recados, mas esse namoro pudico ficou tão marcado em minha lembrança que a razão me obrigou a esboçar estes rabiscos de saudade.

Pouco tempo depois Gleys mudou-se, com a família, para a Vila Norbim e os nossos encontros, escassos e furtivos, passaram a se esgarçar ainda mais e o pequeno romance findou, à falta de um estímulo maior.

Anos mais tarde encontrei Gleys, mulher feita, trabalhando em um escritório, no centro da cidade, e foi a última vez que a vi. Nossos olhares se tocaram, juntamente com um mundo de lembranças, e um sorriso de complacência pôs termo àquele romance iniciado na infância.

Hoje, se acaso passar por mim novamente, creio que não mais a reconhecerei. Assim morrem os amores infantis.

Humberto Del Maestro, de *As Mulheres que Amei*, Contos, 1996

D E U S Q U I M I C U I D E

A cidade era e ainda é pequena, porém, não estava livre de alguns macetes da rotina das comuns de qualquer tamanho, no convívio de suas sociedades. Ali, o dia-a-dia era quase enfadonho, em suas próprias características. Aquele mesmismo cotidiano perto do insuportável.

Na falta de novidades, a tigrada firme na escuta e na espia, sempre a fim de agarrar alguma. Há de se levar em conta que, se de todo não há oportunidade de descolar algo útil ou vantajoso, qualquer merda quebra o galho. É daí que as fofocas ganhavam corpo e a vida alheia levava a casqueira. De vez em quando um bochicho se confirmava e ocupava o principal de todos os papos.

Pois foi em tal clima que a Laurinha, moça bonita e rica, fina flor da sociedade local, na qual todo mundo punha fé, apareceu grávida. Há coisas que não dão pedal para a compreensão. Os caras ficam olhando assombrados, sem ter porto em seu ângulo de visão. Não dá pra espiar o lado oculto das coisas, onde o destino planta seus desígnios.

A gravidez da Laurinha foi uma bomba. Ninguém podia acreditar. Os pais não se conformavam com aquilo. A filha amada e tão direitinha pegar barrigada assim, sem mais nem menos, sem grinalda, casório e os cambaus, como é de lei e de esperança!

Logo a Laurinha, filha de Maria e tudo mais, não podia ser. Mas era. A verdade não pergunta se desejam ou se vão acreditar. A Laurinha, porém, não estava abalada. Tinha acontecido e pronto. Havia pegado cria e não iria caçar jeitos, agüentaria o repuxo, desse no que desse. Afinal já havia dado... e como! Para ela, tirar o filho era assassinato, no que deu uma lição de moral em seu pai, que lhe sugeriu um aborto, para remediar a situação, antes de chegar ao conhecimento dos outros. Logo ele que era um beato de marca maior, um chato de moralista e, pelo jeito um baita hipócrita.

Tolhido naquele expediente, que lhe parecia o mais acertado, o caro procurou o delegado e denunciou o ocorrido, entre lágrimas e pedindo enérgicas providências. Aquilo era uma ordem, porque o pai da Laurinha, além de podre de rico, era poderoso, tinha estreitas ligações com os políticos mais importantes. Poderia acabar com a carreira dele em dois tempos, se quisesse. Só que faltava um detalhe fundamental, porque a denúncia estava feita, mas não havia o nome do culpado. Precisava da identidade do artífice da pança da guria, para que as providências fossem tomadas de imediato. Ele não sabia. A filha disse não saber, mas poderia estar querendo evitar uma ação violenta de sua parte. O delega pediu que levasse a sua filha para falar com ele, que procuraria descobrir. Precisava ter o nome do culpado ou arranjar um bode expiatório. Gente importante é ainda mais importante em cidade pequena.

Em lá chegando, ela ficou sozinha com a autoridade, para que tivesse mais liberdade de falar sobre o assunto. Pois o lazarento do delegado estava falando sério, mas no seu pensamento, dava tratos a bola de como uma frutinha deliciosa como aquela podia estar a fim de virar suco e ele, com uma sede danada, sem saber da vocação.

Laurinha não teve dúvidas em conversar franco, inclusive, explicando que disse ao seu pai não saber quem, porque não sabia mesmo. Contou tudo o que sabia e voltou com o pai para casa. Estava encarando a truta com naturalidade inacreditável. Ciente de tudo o que lhe poderia acontecer, nem ligava. Tinha a compenetração de quem responde por seus atos.

No outro dia, às 17 horas, de acordo com o combinado, o pai voltou à delegacia, para se ter com o delegado. Lá estava o maior rebuliço da paróquia. O delega lhe disse que estava cumprindo a difícil tarefa de fazer aparecer o pai da criança, em meio a toda aquela turma

que ali estava. Uma boa parte dos rapazes da cidade estava lá. Eram os jovens que constavam da lista dada pela moça, de vez que todos lidaram com ela, no curto período em que deveria ter se engravidado. O pai amarelou, tossiu nervosamente umas três vezes, tremeu nas bases e exclamou: “Putá merda, sô”. Realmente não é farelo levar uma daquelas no focinho.

É claro que nenhum dos rapazes queria assumir a responsabilidade da coisa. Todos negavam a autoria. O delega perguntou ao pai, discretamente, se ele tinha preferência por algum deles. Ele disse que não, porém, teve forte desejo de resolver o problema por aquela via. Disse querer o responsável.

Depois de tomar conhecimento daquele batalhão de concorrentes, mesmo que sentisse ser o pai, nenhum deles iria admitir isso. Eram uns doze, ao todo. O delegado pensava: “este diabo desta menina deve ter dado para a cidade toda, menos pra mim. Cadelinha desgraçada!”

Mas existe sempre aquele mais desapontado, que reage de maneira desfavorável à comprovação de inocência. O Ricardo era assim. Se alguém peidasse fedido dentro do ônibus, todos olhavam para ele, como se fosse o culpado. Estava ele vermelho como barbeta de peru, porque, naquele caso, realmente havia faturado a Laurinha. Dai o pessoal começou a olhar para ele. Já não sabia onde por as mãos, suava frio e tremia. Chegou, então, a um estado crítico. Foi quando deu um pulo e gritou: “Deus que mi cuide, seu doutor, não poderia ser eu, pois sou até viado, pô!” O pessoal deu uma risada e a autoridade, que já estava de saco cheio, identificou o pobre do rapaz como o feitor da criança.

Daí o cara foi pressionado e, já do modo que era, se embanou todo, confessando que tinha dado uma comidinha só, mas que os outros todos, de acordo com a donzela avariada, haviam também provado da fruta. Foi o único que confessou ter entrocado a Laurinha,

portanto, era o pai. Deram em cima dele de tal forma que, não agüentou mais e se casou com a menina, que lhe contou não saber se era ele o pai da criança. Disse isso antes de casar, para que ele tivesse chance de desistir, com toda honestidade. Esclareceu, porém, que iria honrá-lo e respeitá-lo por toda a vida ou casamento, ele estava com tudo, no coração da Laurinha.

A turma que havia respirado aliviada, estava cortada de dó do “Micuide”, que ficara com a bomba nas mãos. O Ricardo, que chamavam de Polaco, ficou sendo Micuide, desde a cena da delegacia. Naquela turma de comedores, havia, inclusive, um crioulo ajeitado, que chamavam de “Chocolate”.

Micuide se conformou e estava resolvido a tocar o barco até o fim. Afinal o filho poderia ser realmente seu. Mesmo que não fosse, não se poderia provar e quem fez que perdesse o feio.

Passaram-se os meses e o caszinho muito feliz. O Micuide esperando nascer o filho, que já se convencera ser de fato seu. Mais um lar em ordem, para Deus e para os homens. Laurinha mostrou-se uma ótima esposa, muito séria e compenetrada no dever de fidelidade ao marido. Seus pais, também, botaram fé no Ricardo e o neto era esperado com ansiedade. Tava beleza.

Veio, então, o grande dia e berrou no terreiro do mundo mais um piação de quatro quilos e meio, sem qualquer defeito ou problema. Era uma criança super saudável. Quando o pai – animadinho que estava – pôde ver o filho, constatou que era pretinho e a cara do Chocolate! Puxa vida, com onze brancos na parada, tinha que ser logo o Chocolate o pai! Se a criança fosse branca, fosse de quem fosse, seria do Micuide.

É mole, pô?!

Fernando Silveira R. de Vasconcelos, de *Pé, Meul... (3º Livro das Narrativas de Nhô Fela)*, 1996

Leio, e meus olhos reagem à frustração que me deu ver, no topo da mensagem que o nome não era o meu...

Alba Christina Campos Neto, em BI UBT SP 07.99

Diz adeus e eu, morta-viva, nos meus brios me concentro: seco a lágrima furtiva e, as demais... choro, por dentro...

Darly O. Barros, em Elos Clube de SP 98

Na escuridão do meu quarto, na luz que vem de uma fresta, minhas tristezas reparto com as poeirinhas em festa.

Fernando Ribeiro da Cruz, em BI UBT Magé 05.99

Descalços, pelo gramado, teus pés mansamente vão... Pões, no pisar, tanto agrado que eu tenho inveja do chão.

Marina Bruna, em Fanal 02.99

Na trova – rosa vermelha, quatro linhas de bom risco – a mensagem se assemelha à oração de São Francisco!

Selma Patti Spinelli, em UBT BI 07.99

Ao reler: “Amor... coragem... é a vida... são contingências...” eu descobri, na mensagem, teu adeus, nas reticências!...

Therezinha Dieguez Brissola, em BI UBT SP 07.99

O adeus na noite gelada teve a frieza lacônica de uma mensagem deixada na secretária eletrônica!

Arlindo Tadeu Hagen, em BI UBT SP 07.99

Um grito em meu peito explode, num canto de bem-querer: – Feliz aquele que pode em Pousos Alegre viver!

Eduardo A. O. Toledo, em Trovaregre 06.99

Um belo cesto de frutas... Flores silvestres... mil cores... São troféus de tuas lutas, oh!... Bauru dos meus amores!

João Guilherme Ortolan, em Sem Limites 12.98

Vous êtes la douce fleur d’aujourd’hui et de tousjours, que enchante mon pauvre coeur dans notre rêve d’amour!

Santos Teodósio, Made in France

Madrugada... a lua encanta, a solidão se acentua e um galo cansa a garganta querendo encantar a lua.

Thalma Tavares, em Sem Limites 04.99

Se a mensagem for de paz, eu fico alegre e contente até se o correio traz carta sem ter remetente.

Yeda Ramos Maia Patrício, em BI UBT SP 07.99

KIDAIIS DE INVERNO



É tarde da noite.
Todos já se recolheram.
E as corujas acordam.
Agostinho José de Souza

Neste meu quintal,
colho morangos maduros.
São bem vermelhinhos.
Albertina C. G. dos Santos

Oi, pupa pipoca!
Barulhos, virando flores
nos célios... na boca...
Ana Cecília Ferri Soares

Praia de inverno.
Muita chuva, muito frio.
Ninguém se arrisca.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Meu neto embrulha
o presente p'ro Papai.
Me vem a saudade...
Douglas Eden Brotto

Com água na boca,
a meninada rodeia.
Morangos na teira.
Fernando Vasconcelos

Na verde selva;
fátidica viruta
intruso urubú.
Flávio Henrique Velasco

O clarão da lua
nos olhos da coruja
sencija a noite.
Hazel de S. Francisco

Pitangas vermelhas
expostas na feira livre.
Doce azedume.
Helvecio Durso

No Dia dos Pais,
os olhos avermelhados
no abraço do filho!
Hermoclydes S. Franco

No final do dia,
descem fios no horizonte.
Garoa imprevista.
Héron Patricio

Garoa paulista
vovô lembrando sorrindo
velho romance.
Joana de Toledo Machado

Nesse Dia dos Pais,
a cadeira de balanço
um ano vazia.
José N. Reis

De chapéu verde
um morango silvestre
descansa na grama.
Larissa Lacerda Menendez

Pessoas comendo as
flores de amor-perfeito –
voraz apetite.
Leonardo C. dos Santos

Primeira pitanga
no caminho campesino!
Sons de “Era uma vez...”
Leonilda H. Justus

Dia do Pai durão:
vai abrindo o brinde e cai
lágrima ao chão...
Luis Koshitiro Tokutake

Bailando no ar
em círculos harmoniosos
corvos flutuando.
Manoel F. Menendez

Um vento gelado
carriando a fogueira...
Bailam fagulhas!
Maria de Jesus B. de Mello

A coruja pia
à porta do cemitério
fantasmas gargalham.
Nilton Manoel Teixeira

Maravilhoso...
Passada a cinza garoa,
ver de novo o sol!
Olíria Alvarenga

Grãos arrebatados
panela de pipoqueiro
escapam os fogos!
Quellen Carini A. Tabosa

Coruja sombria
na árvore da noite fria
o medo no escuro.
Raphael Patricio de Barros

Ribomba o trovão,
bom filho do temporal,
no Dia dos Pais...
Santos Teodósio

Pela praia de inverno,
soanhando com dias quentes,
mendigo e seu cão.
Sergio de Jesus Luizato

Tento dormir mais.
Inútil! Filhos não deixam.
É dia dos pais...
Sérgio Serra

Queimada de fogo
queimada de geada
coitada da floresta.
Sonia Maria M. Cozzo

Delicada flor
ornamentando o jardim.
Eis o amor-perfeito.
Suéli Teixeira



KIGOS à ESCOLHA para até três haicais a serem enviados

até o dia 30.08.99:
Bicho-de-pé, Nêspera, Vaquejada.
Até o dia 30.09.99:
Dia da Juventude, Flor de Café, Gato em Amor.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos) e o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra de sazão. O haikai de sazão deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-los normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa de rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

Desfile de cores
contra o fundo azul do céu
bando de tucanos...
Darly O. Barros

Uns filhos festejam;
outros choram de saudade.
É Dia das Mães!
Alda Corrêa M. Moreira

Almoço em família.
As três gerações festejam...
o Dia das Mães.
Maria Reginato Labruciano

Dia das Mães
a cadeira de balanço
range saudades...
Anita Thomaz Folmann

Encontro de pássaros
na quinta carregada.
– Vindal em festejo!
Humberto Del Maestro

Bico diferente;
penas multicoloridas.
Que belo tucano!
Alda Corrêa M. Moreira

Um tucano voa
para junto do viveiro.
Companheiro preso.
Renata Paccola

Uva da estação,
roxa de frio como eu,
adoça-me a boca.
Lávia Lacerda Menendez

Neném interrompe
um almoço de domingo...
É Dia das Mães!
Edel Costa

Tucanos no céu! Curvos
bicos, lindas plumas,
imitando o arco-íris...
Amália M. G. Bornheim



IPÊS EM FOLHA

No Dia das Mães uma
lágrima e uma ausência...
– Penhor de saudade!
Humberto Del Maestro

Folha da parreira
escondendo a tentação:
um cacho de uvas!
M. U. Moncam

Na árvore frondosa,
tucanos disputam frutos
esgrimbando os bicos.
Maria Reginato Labruciano

Tucano no galho
canta alegre a natureza,
ensaaiando voo.
Olga dos Santos Bussade

Olha a natureza!
Ao tucano, bom de bico,
uma cruz pesada...
João Elias dos Santos

Com a luz solar, todas
uvas se transformam...
Cachos de rubi!
Amália M. G. Bornheim

Uva temporã.
Perfura um poço na boca
a sonda dos olhos.
Roberto Resende Vilela

Presentes e flores
poemas são recitados
é dia das mães!
José Roberto de Oliveira

Quintal solitário
mamão maduro no pé
tucano aproveita.
Olga Amorim

A lágrima e o riso brincam
na praia dos olhos...
– É Dia das Mães!
Roberto Resende Vilela

Sob as folhas verdes,
uvas maduras despertam
os sonhos de Baco...
Maria Madalena Ferreira

Uva em cachos, pendendo
do telhado da variedade.
Pássaros em festa!
Olga dos Santos Bussade

Guri joga pedras.
Uvas doces pingam mel,
exnaxe de abelhas.
Analice Feitoza de Lima

Domingo de maio.
Na homenagem às mães
olhos lacrimosos.
Olga Amorim

Árvore isolada...
Tucanos fazem seu ninho...
No oco, brota a vida!
Ercy M. M. de Faria

Na festa da uva, cachos,
transformam das cestas...
Sorrisos... das moças.
Mª Reginato Labruciano

Cartilha de amor;
eu leio no teu sorriso;
é dia das mães.
Elen de Novais Felix

É dia das mães,
uma rosa preciosa,
recebe outra rosa.
Ailson Cardoso de Melo

Uva saborosa!
Videira carregadinha,
exibe seus frutos.
João Batista Serra

C A N D O M B L É : L E N D A E R I T U A I S

Antigamente homens e deuses no mundo viviam felizes e soberanos prazerosos não sabiam que vivendo mal-com-Deus sofreriam os castigos seus nem respeitar lei queriam.

Oludumaré – o Deus pai de toda criação tinha por filho Oxalá digno de coração governava todos santos plantados nos quatro-cantos ao povo só dava bênção.

Estava formado o mundo só faltava aos viventes desobedecerem ao pai começaram descontentes a pecar contra as leis e foi por isso talvez que ficaram infringentes.

Oxalá enfurecido lançou logo seu cajado contra o Ayé – a Terra o símbolo arrojado no trânsito dividiu e o homem nem sentiu dos deuses ficou separado.

O universo ficou partido assim dividido em dois ayé – onde vivem os homens e o orum – o além. Depois, onde os deuses mourejavam não sentiram fé. Andavam na terra soturnos pois

Eu o enterrei,
mas haverá alguma planta
que flores em filho?
Uejima Onitsura, 1661/1738

Quarenta e nove anos
atrás de flores e lua,
caminhando à toa.
Kobayashi Issa, 1763/1827

Quando alguém deseja
expor devoção filial
os pais já se foram.
Masaoka Shiki 1867/1902

Vai chegando em casa
abraçados às ocorrências
do seu dia a dia.
Shiki

Uma vez ou outra
as nuvens dão um descanso
a quem olha a lua.
Bashô, 1644/1694

Lua para oeste
leva ao caminho de leste
a sombra das flores.
Yosa Buson, 1716/1784

Morrerá em breve.
Sinal algum se percebe
na voz da cigarras.
Matsuo Munefusa, Bashô

– Venha, venha! eu disse,
mas aquele vaga-lume
lá se vai, voando.
Onitsura

Na catedral, hinos
preteiam jovem princesa.
Lirios no caixaõ.
Manoel Fernandes Menendez

ficaram apavorados pensando viver sozinhos humanos longe dos deuses penando pelos caminhos como é que iam falar para se comunicar precisavam de anjinhos.

O candoblé aí nasceu para ligá-los a Deus de religare bíblico poderia ficar no adeus esta belíssima lenda preciso é quem desvenda os conhecimentos seus.

Surgiu o intermediário Exu – empregado maldito mensageiro dos infernos na África virou um mito não era ainda candoblé batucque dança no pé no Vodum era bonito..

Olodumaré – o Deus suprema sabedoria Oxalá e os orixás viviam no mundo um dia vodum – nome no caribe candoblé não se proíbe corrido pela polícia.

A raça eleita por Deus para c’os orixás lidar foi então escravizada em Salvador foi parar levada por bucareiros que iam e vinham ligeiros com suas barcas no mar.

Chegando aqui no Brasil portanto suas crenças axés, preceitos e rezas ervas das curandeirices procedentes do Islã com outros de terra pagã tantas contendas, tolices

trouxeram jogo-de-búzios ritos secretos e magias que no pegi colocassem sem pensamentos profanos imagens de santos cristãos sincretas conciliações que agradaram os cambonos.

Negro nas matas batia seu atabaque em segredo nos escuros altas horas era alívio pro degredo com um olho no senhor vendo de perto o feitor a repressão – seu enredo.

Para acalmar os cativos concordavam seus donos que no pegi colocassem sem pensamentos profanos imagens de santos cristãos sincretas conciliações que agradaram os cambonos.

Partiu daí o sincretismo na igreja nada diziam mas sociedade bradava e os jornais combatiam uma revolta estourou polícia negros matou notícias na corte sabiam.

Nesta hora se falou no nome de candoblé era século dezoito brancos morreram em pé negros não sei quantos mil nem o tanto que fugiu e o outro que ficou na Sé

formando as confrarias pois a igreja acudiu quem correu foi pro quilombo o branco não deu um piu passou a ir ao batuque vencendo conceitos a muque o preconceito caiu.

Houve duas fases na vida nos candoblés de Bahia antes era a repressão o escravo fulo sofria depois a libertação, face de lei de então que a igreja queria.

As imagens católicas axés do culto viraram com nome de orixá a Jesus Cristo chamaram mestre maior Oxalá Maria a mãe Yemanjá Rainha do Mar entronaram

Xangô – o deus trovão Oxosse – o dono da mata a mãe de todos – Nanã Oxum – a vaidosa nata Obaluaí, Xapanã dona dos ventos – Ynhasá Ogum – a coroa arrebatada.

Há outros santos no gongá Omulu, Ossanha, Ifá feitiços e há magias para deixar de fumar para ser em tudo o primeiro para ter sempre dinheiro joga despacho no mar.

Há também ritos secretos dos pobres, psicanalista pai-de-santo resolver sem nem levantar o vista brigas, falta de sorte pra não ter medo da morte passa a vida toda em revista.

Preciso é falar dos erês Cosme e Damião é de ver o seu famoso caruru pai me dá de comer sai daqui Aluvaia que não é o teu lugar mamãe me dá de beber

e depois chega na gira fazendo mil brincadeiras Doum corumim sabido corre, pula nas carreiras no chão comem as crianças todos cheios de esperanças debaixo de muitas zoerias.

Dos candoblés de nação sudão, bantu, ijexá congo, dahomei, angola gège, fanti, iorubá foram fazendo roças construindo palhoças com os índios de cá.

Aceitaram os cablocos caíram no sincretismo adotando a pagelança o toré e o espiritismo nunca aconteceu dissídio trouxeram muito subsídio o totem e o xamanismo.

Uma festa de candoblé começa com a manança galo, bode e pombas Axogum na pagelança rega com sangue os itãs cerimonial dos ifãs antes de iniciar a dança.

Fazem o padê de Exu pra a gira correr bem roda a cantar sidigã gestos e danças também tira pontos para azeite para farofa, para leite na frente joga o xerém.

Das vertentes de etnias começaram a absolver hostes da classe branca que implicou em haver no cimento da identidade do negro com a cidade branco/nagô a conviver.

O candoblé mais antigo bate-folha foi na certa **os mais importantes porém** quem disser keto acerta engenho-velho e gantuaõ o de alaqueto ogunjá na magia vivem alerta

mané falefã sua casa de nação gège/orubá é de congo o bate-folha caboclo, tumbajussara na entrada do babussá há um barracão malê perto de dá não se pára.

Pra terminar falo aqui, dos pais e mães-do-bozó das iaós, também dos ogans cambonos feitos no romcõ ialalaxé iã kerere ialorixá e tebejê mãe pequena bate paó.

Menandrus (*Menandro Martins Filho*), Academia Brasileira de Literatura de Cordel

La inagotable sangre que se vierte en los mitos

los crímenes que amueblan las mejores sagas

los parricidios los incestos los tormentos

las erinneas las moiras ilustran las rabietas celestiales

¿qué se podía esperar de los humanos con ese mal ejemplo de los dioses?

Mario Benedetti, Liberintos: Desde Arriba; de La Vida Ese Paréntesis, 1999

CLASSIFICANDO TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermiano rima os versos de 5 sílabas e, o do meio, a 2ª (não necessariamente; facilitemos!) com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai** é sempre “**aqui e agora**” – **não conceitual**.
O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou *trevo haikai senryu (não filosófico)*,
trevo **haikai** subentendido e, finalmente,
trevo **haikai sazonal**, poesia pura – contém palavra da sazão (kigo).
Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo **senryu**:

Morango é o sabor de minha predileção ao brindar a vida!

Ercy M. M. de Faria

Trevo **haikai senryu** ou

trevo **haikai** personagem:

Sol acaricia menino louro no parque morangos na face.
Neide Rocha Portugal

Trevo **haikai** subentendido:

Os frutos, digo, as flores do haikai abaixo não definem a sazão – embora falem da natureza; *não se as confunde com kigo (palavra da sazão).*

Namorado pobre, sorrindo, flores tão lindas!... – Presente de nobre.
Fernando Soares

Trevo **haikai sazonal**:

Não existe haikai de sazão, nem tema da sazão (kidai) **sem kigo**.
Aqui, claramente, um kigo referente à flora no inverno:

Criança sorri: boca suja de morango num sol vespertino!
João Elias dos Santos